



Parte integrante do Jornal A Semana nº 802 • Sexta-feira, 4 de Maio de 2007

Simpósio defende Fundação Claridade

O simpósio dedicado aos claridosos terminou recomendando a criação da Fundação Claridade, um espaço de debate e investigação dedicado à literatura e à cultura cabo-verdiana no seu todo. Uma outra recomendação aponta para a necessidade de se avançar com a oficialização do crioulo.



*Chirac condecora
Cesária com Legião
de Honra da França*



Casa do Morgado de Chã de Tanque vai ser Centro Cultural

Pintora portuguesa indignada:

“A arte em Cabo Verde é considerada mercadoria”





Simpósio sobre claridosos termina com proposta para a criação da Fundação Claridade

O simpósio sobre o centenário de nascimento dos fundadores da revista Claridade terminou sábado, com o compromisso de prosseguir em Outubro (S. Vicente) e Dezembro (Santo Antão). Uma Declaração fechou a primeira parte desta série de eventos, com uma proposta que visa criar a Fundação Claridade. Ao encerrar o encontro, José Maria Neves defendeu que “*finçar os pés na terra*”, divisa dos claridosos, “*mais do que uma declaração estético-literária*” foi “*um decisivo grito de liberdade e de cabo-verdianidade*” que perdura até hoje.

Começou e acabou bem o simpósio dedicado ao centenário dos claridosos (Baltasar Lopes, João Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes), feito na Praia no passado fim-de-semana, e que mobilizou gente vinda do Brasil, França e Portugal, além de figuras de cultura das ilhas, da Praia e de outros pontos do país. A evocação do movimento surgido em torno da revista Claridade prossegue, entretanto, com outros eventos até Dezembro, mês de aniversário do autor de “*Chuva Braba*”. Antes, em Outubro, por ocasião do Dia Nacional da Cultura, haverá, em S. Vicente, uma série de outras actividades. Também sob o signo da Claridade.

Desta forma, segundo explicou o ministro Manuel Veiga, o governo pretende homenagear a geração claridosa, mas também os contemporâneos dos “claridosos”, como Félix Monteiro, Júlio Monteiro, Teixeira de Sousa e Jaime de Figueiredo. “*A Geração do Movimento Claridoso deixou-nos um legado invejável*”, afirmou, recusando qualquer ideia de “centralidade” para essa corrente. “*Por isso, de Santo Antão a Brava, somos todos orgulhosos de ter um Movimento Literário e Cultural com a cumplicidade da Nação e da História Cabo-Verdianas*”.

A ideia de tributo geral foi o denominador comum da maior parte das intervenções verificadas nos dias do simpósio, a começar pelo discurso inaugural do Presidente da República. Segundo ele, este encontro da Praia tinha uma “*responsabilidade histórica*”,

a de analisar a trajetória de Claridade, mas também a de reconhecer o valor daqueles que antecederam ou vieram depois dessa publicação. São os casos de Pedro Cardoso, Eugénio Tavares, José Lopes, Luís Loff Vasconcelos, Guilherme Dantes, da geração nativista, e no caso dos pós-claridosos, de Teixeira de Sousa, Amílcar Cabral, Manuel Duarte, António Nunes, Ovídio Martins, Corsino Fortes, João Vário, Arnaldo França, Arménio Vieira, Virgílio Pires, Mário Fonseca, Jorge Carlos Fonseca, Vieira Lopes, Onésimo Silveira, lembrando que a cultura não é nunca obra acabada “*mas, sim, uma dinâmica de busca constante de dimensões inéditas*”...

Nos dois dias do simpósio, vários temas foram naturalmente abordados por especialistas vários face a um público heterogéneo – os estudantes, muitos, não arredaram pé e embarcaram nessa viagem rumo aos anos 30, aos tempos em que Baltasar Lopes e os seus companheiros procuravam definir os contornos da caboverdianidade. Entre os convidados estrangeiros não faltou quem tenha aproveitado a oportunidade para exprimir a sua paixão pela literatura cabo-verdiana, em especial a claridosa. É o caso de Elsa Rodrigues dos Santos, de Portugal, considerada hoje a maior autoridade sobre a poesia de Jorge Barbosa.

Entre uma plateia de homens e mulheres muito bem comportados, não faltou quem, por temperamento e não só, tivesse aproveitado também para atirar a sua pedra no charco. Caso de Mário Fonseca, que se considera um marginal e acabou por fazer o elogio à marginalidade (estética, entenda-se), bastante apreciada pelo auditório.

A Declaração da Praia, lida no final do encontro por Fátima Bettencourt, reflecte as preocupações que nortearam o encontro. Entre os vários pontos desse documento consta a proposta para se criar a Fundação Claridade, um simpósio internacional sobre a emigração e cultura, a necessidade de valorizar o crioulo, bem como todo o movimento claridoso enquanto património cabo-verdiano e

universal...

Autor da proposta da Fundação Claridade, Luís Silva espera que esse organismo venha a ser “*um espaço académico onde se possa reunir tudo que diga respeito à Claridade e a outros aspectos da literatura e da cultura cabo-verdianas*”. Em suma, cabe agora encontrar os meios para evitar que essa seja mais uma boa ideia atirada ao léu.

Por último, ao encerrar o simpósio o primeiro-ministro rendeu, também ele, a sua homenagem aos claridosos, defendendo ao mesmo tempo “*uma nova postura*” por parte de todos, em particular as empresas e os cidadãos, “*no que concerne à percepção das coisas da Cultura*”. “*Temos de perceber muito bem qual é o papel de uns e de outros*”, alertou José Maria Neves, já que não é mais possível “*nem saudável exigir mais ao Estado enquanto financiador. Nesta matéria, acredito que já chegamos ao fim de um ciclo*”.

Em relação aos claridosos propriamente, JMN afirmou que “*finçar os pés na terra*”, lema desse movimento, “*mais do que uma declaração estético-literária, é um decisivo grito de liberdade e de cabo-verdianidade*”. E que graças ao empurrão inicial de homens como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, mas também de José Lopes, Eugénio Tavares, Pedro Cardoso e Luís Loff Vasconcelos, “*somos hoje um pequeno país com uma grande literatura*”.

José Maria Neves chamou a atenção para o desafio que a actual geração tem de vencer em relação à língua cabo-verdiana, de modo a que ela possa exercer “*plenamente todas as suas capacidades enquanto veículo de comunicação e de criação artística e literária*”. Sendo assim, anunciou que em 2008 “*o Governo tomará todas as medidas para o definitivo estabelecimento do alfabeto da língua cabo-verdiana*”, e que podem contar com ele, JMN, para que o crioulo “*seja oficializado tão cedo quanto possível*”.

JVL

“**JMN afirmou que “*finçar os pés na terra*”, lema desse movimento, mais do que uma declaração estético-literária, é um decisivo grito de liberdade e de cabo-verdianidade.**”

Cesária Évora recebe de Chirac Legião de Honra da França

A cantora Cesária Évora foi distinguida com a Legião de Honra da França pelo presidente francês Jacques Chirac. A proposta partiu da ministra delegada da Cooperação, Brigitte Gerardin. A distinção foi entregue no dia 26, em Paris, informou a embaixada francesa na Cidade da Praia.

Cesária Évora entra assim no selecto clube dos "legionários" franceses em Cabo Verde. Antes dela apenas o poeta José Lopes, emérito latinista e admirador da cultura francesa, bem como Francisco Lopes da Silva (parente, curiosamente de José Lopes) mereceram idêntica distinção. O primeiro na primeira metade do século XX e o segundo nos anos noventa.

Aliás, a França foi sempre um país especial para Cesária Évora. Foi a partir de Paris que nos anos oitenta a musa dos pés descalços, como se tornou conhecida naquele país europeu, partiu à conquista do mundo. Um fenómeno que se prolonga até hoje, o que faz dela, na actualidade, a personalidade cabo-verdiana mais conhecida mundialmente.

O Governo cabo-verdiano parabenizou a diva dos pés descalços, através de uma nota divulgada no dia 30 de Abril, assinada pelo ministro da Cultura, Manuel Veiga. "Esta elevada distinção, que reconhece o grande contributo de Cesária Évora nos domínios da música e da cultura, orgulha sobremaneira toda a nação global cabo-verdiana e dignifica de forma muito especial todos os artistas e criadores de Cabo Verde", refere o comunicado.

O produtor de Cesária, José da Silva, "responsável em alguma medida pelo seu sucesso mundial", também é exortado pelo Governo, devido ao "muito que tem contribuído para a afirmação do nome de Cabo Verde e para a abertura do mercado internacional à música cabo-verdiana".



“

...a França foi sempre um país especial para Cesária Évora. Foi a partir de Paris que nos anos oitenta a musa dos pés descalços, como se tornou conhecida naquele país europeu, partiu à conquista do mundo.

”



Cachimbo à guitarra quer preservar toque de mestres

Cachimbo vai revisitar os solos de Luís Rendall e Tazinho no disco que pensa gravar brevemente. Nesse CD, que também trará composições do próprio Cachimbo, o cavaquinho vai dar lugar à guitarra, seu instrumento de eleição.

"O estilo de interpretar a guitarra de Luís Rendall e Tazinho corre o risco de desaparecer", diz Cachimbo, "por isso quero registá-los em disco". Ainda não existe financiamento para o CD, mas o músico mindelense está confiante que "alguém interessado em defender os géneros tradicionais certamente se interessará por este projecto".

Mas, para Cachimbo, um disco não é suficiente. "Vou também, em breve, desenvolver uma componente de ensino destinado a todos, crianças, adolescentes e adultos que antes não tiveram a oportunidade de aprender música. E poderá acontecer em dois espaços diferentes: na Escola Municipal de Música, em cooperação com a CMSV, e na escola de música

que pretendo organizar".

É que, tal como aconteceu com ele – que aprendeu com diversos professores – Cachimbo quer dar a outros a oportunidade de concretizar os seus sonhos. E conta que aprendeu os primeiros acordes com o seu irmão. "Ensinou-me muitas coisas antes de eu ter aulas com o Vasco Martins". Depois, diz, "frequentei cursos na Alliance Française do Mindelo com alguns professores de conservatório. Estive depois em França, onde adquiri mais conhecimentos de guitarra".

Foi entretanto o cavaquinho o instrumento eleito por Cachimbo, em 2001, para gravar em Paris o seu primeiro CD. Este nunca chegou a ser editado "devido a problemas ligados à produção", explica o músico, que, após seis anos e muitos concertos nos diversos espaços de música ao vivo de São Vicente, volta a sonhar com um CD.

TSF



EILEEN ALMEIDA BARBOSA

A colecionadora de prémios

Eileen Almeida Barbosa é o mais recente talento da literatura cabo-verdiana. Galardoada no ano passado pela Associação de Escritores de Cabo Verde, a escritora acaba de arrecadar também o primeiro lugar no concurso "Prosa e Poesia Jovem sobre Mindelo" com o conto "És um português". Na forja, a escritora de 25 anos tem outros tantos livros, de diferentes géneros, e, em breve, contos e poemas seus vão integrar duas colectâneas distintas.

O seu diploma diz que é licenciada em Turismo e Marketing, mas a alma de Eileen Almeida Barbosa é de escritora. Na escola primária já escrevia pequenos poemas que, feliz, mostrava à mãe. "Ela dizia 'ah, mas não foste tu que escreveste isto, copiaste'. Eu ficava entre contente e triste por ela não acreditar. Mas também temos de correr o risco de mostrar o nosso trabalho a alguém que não seja da nossa família e que não diga só 'está muito bem'", afirma Eileen Almeida Barbosa.

Mesmo que esse alguém ofereça garantia de uma verdadeira crítica: "Nós cabo-verdianos dizemos sempre "gostamos", de modo que nunca sabemos o que está bem, pois não temos espírito crítico. Eu só encontrei alguém que fez realmente uma crítica há pouco tempo. E disse-lhe logo: vais passar a rever os meus livros". Alguém que terá nos próximos tempos muitas páginas a pôr o seu espírito crítico à prova, pois inspiração não tem faltado a Eileen Almeida Barbosa.

Além das obras premiadas - "És um português" (conto), "Tantas Palavras" (poesia) e "Anfiteatro" (colectânea de contos) -, Eileen Almeida Barbosa tem muitas outras obras na forja. "Se reunir tudo o que já escrevi, terei 600 páginas ou mais", conta a jovem escritora, que foi seleccionada para a segunda colectânea de Tchuba na Desert e aguarda, neste momento, a edição de um livro de contos seus, já no prelo.

"Já tenho dois romances mais ou menos costurados, mas esses demoram mais e custam mais. É preciso muita paciência", confessa a escritora, que classifica a sua escrita como "urbana e moderna". "Na escrita cabo-verdiana, fala-se muito da seca, do campo, da emigração, mas nada disso se encontra na minha escrita, talvez por ser de outra geração, de um outro contexto".

Teresa Sofia Fortes

Um centro cultural para Chã de Tanque

A Casa do Morgado em Chã de Tanque, concelho de Santa Catarina, vai ser transformado num centro cultural. As obras de restauro, que deverão começar em breve, sob a direcção do Instituto da Investigação e do Património Cultural (IIPC), são financiadas pelo Ministério da Cultura.

De acordo com Higinio Fernandes, vereador da Cultura da Câmara Municipal de Santa Catarina (CMSC), a Casa do Morgado, uma moradia de estilo colonial que data do século XIX, será dotada de uma sala multimédia, cibercafé, auditório equipado para diferentes tipos de espectáculo, sala de formação, museu e quintal de tabanca, entre outras valências.

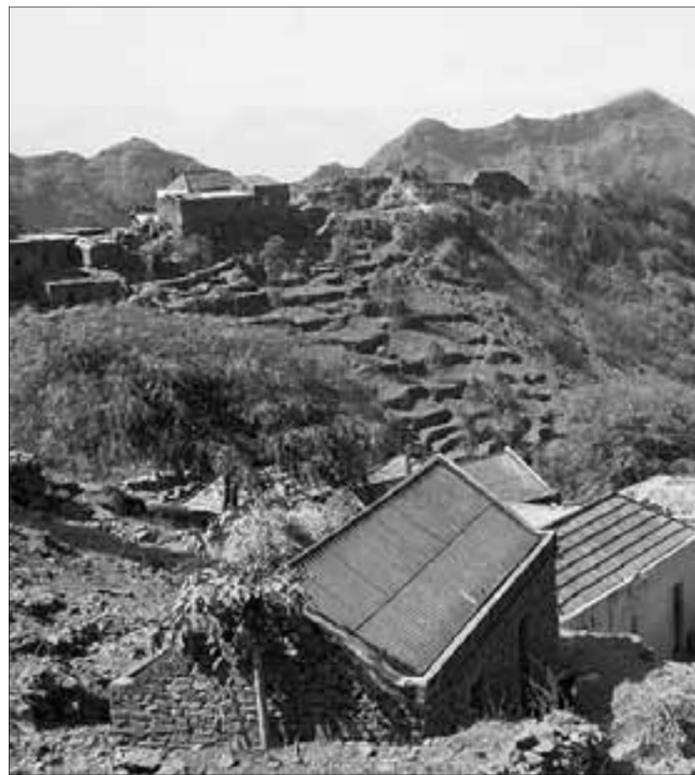
O edifício, que está em avançado estado de degradação, terá que passar, numa primeira fase, por obras cujo valor estimado é de cinco mil contos. Martinho Brito, do IIPC, explica: "O tecto está cair, assim como o reboco. Enfim, a casa oferece vários perigos para os moradores. Por isso, vamos levar um arquitecto até Chã de Tanque para fazer um levantamento exaustivo antes de iniciarmos as obras, talvez ainda neste semestre".

Contudo, nada poderá ser feito, na opinião de Martinho Brito, "antes da CMSC resolver o litígio com os actuais moradores". Sobre este assunto, Higinio Fernandes informa que "a Câmara prometeu a essas pessoas lotes de terreno, blocos e máquinas para poderem construir as suas casas, um deputado da região já lhes ofereceu a planta da nova moradia, mas, surpreendentemente, deram uma entrevista à RCV dizendo que as queríamos expulsar".

Razão suficiente para Fernandes acreditar que alguém, com fortes motivações políticas, está por trás desta polémica. "Não temos provas, mas a questão está a ser politizada. Só assim se explica que as pessoas que ocupam a Casa do Morgado, que já tinham acordo com a Câmara Municipal, venha agora dizer que estão a ser perseguidas". A CMSC espera resolver este diferendo para definir outros aspectos do projecto, nomeadamente o modelo de administração do futuro centro cultural.

Segundo Higinio Fernandes, "a gestão da Casa do Morgado será definida numa segunda fase", quando, "provavelmente será assinado um acordo de gestão com o IIPC", uma vez que o dito espaço vai fazer parte de uma rede de turismo cultural que o Ministério da Cultura pretende implementar na região, e que inclui casas de estilo colonial de Santa Catarina, entre elas o Centro Cultural de Assomada/Museu da Tabanca, Casa do Morgado dos Engenheiros e residência de Amílcar Cabral.

TSF



...a Casa do Morgado, uma moradia de estilo colonial que data do século XIX, será dotada de uma sala multimédia, cibercafé, auditório equipado para diferentes tipos de espectáculo, sala de formação, museu e quintal de tabanca, entre outras valências.



Jorge Araújo lança quarto romance tendo como palco S. Vicente

"As cinco balas contra a América"

"O Verão de 74 foi quente na ilha de São Vicente, em Cabo Verde. De Lisboa apenas chegavam rumores de golpe de Estado. Os combatentes pela independência continuavam nas matas da Guiné, o poder andava pelas ruas e a Revolução era uma festa sem fim. O primeiro comandante da guerrilha a desembarcar na cidade chegou disfarçado de emigrante. Gostava de copos e de mulheres e organizava sessões de vigilância contra a eventualidade de um ataque das forças imperialistas". Esta é a descrição, genérica, do mais recente romance, o quarto, de Jorge Araújo e ilustração do seu colega Pedro Sousa Pereira, lançado ontem em Portugal.

De acordo com a mesma apresentação Zapata, Bob, Aristóteles e Frederico, jovens amigos no Mindelo de

1974, foram enviados para a Praia de São Pedro para evitar um desembarque das tropas norte-americanas. Para se defender, receberam um revólver e cinco balas. "Viveram então a noite mais longa das suas vidas: a noite em que perderam toda a inocência", conforme relato de Jorge Araújo, ele próprio adolescente aquando do 25 de Abril e dono de um reportório fora de série sobre as confusões da revolução cabo-verdiana em S. Vicente.

Jorge Araújo e Pedro Sousa Pereira são jornalistas e amigos desde 1999, data em que se conheceram em Dili, Timor-Leste. Da sua parceria já nasceram os livros Comandante Hussi (vencedor do Prémio Gulbenkian em 2003), Nem Tudo Começa Com Um Beijo e Paralelo 75.

Joaquim Arena editado em Espanha e no Brasil

A mais recente obra de Joaquim Arena, "A verdade de Chindo Luz", vai ser publicada em Espanha pela Editorial Bailes del Sol e no Brasil pela Língua Geral. O autor cabo-verdiano vai também adaptar um dos capítulos do seu livro ao teatro para ser representado por uma produtora independente de Lisboa.

A editora brasileira é um projecto novo que pretende dar a conhecer autores lusófonos naquele país, e tem entre os seus sócios fundadores o escritor angolano José Eduardo Agualusa.

"A verdade de Chindo Luz" conta a história de um jovem descendente de cabo-verdianos, e que sempre vi-

veu em Lisboa, que entra num reality show, ganha fama e dinheiro, mas depois desaparece misteriosamente. O livro tece toda uma trama à volta do desaparecimento do carismático Chindo Luz, numa história que nos é contada no presente mas sempre intercalada com sucessivas analepses. É através delas que o autor aprofunda a vida dos emigrantes cabo-verdianos em Lisboa.

Através de "A verdade de Chindo Luz", Joaquim Arena parte também à descoberta de Cabo Verde, num périplo que percorre cada uma das dez ilhas deste arquipélago e que pretende desvendar o mistério do protagonista.

Joaquim Arena nasceu em Cabo Verde, mas esteve quase toda a vida em Portugal, onde estudou e se fez jornalista, escritor e advogado. Romance auto-biográfico? Talvez porque segue a trajectória do seu autor também ele jornalista, escritor e advogado que viveu a infância, a adolescência e a sua juventude em Portugal. Quando tinha 30 anos veio a Cabo Verde conhecer as suas raízes. Joaquim Arena já publicou uma novela - "Um farol no deserto", em 2000 e, este ano, um dos seus contos - "Thuba na Desert" integrou uma colectânea de autores cabo-verdianos, planeia publicar um novo livro no próximo ano.

Catarina Abreu



Propostas para Mindelact 2007 batem recorde



O Festival Internacional de Teatro do Mindelo – Mindelact – pode vir a bater este ano recordes de dias e de espectáculos. É que à mesa da Associação Mindelact já chegaram mais de 50 propostas de grupos oriundos da Europa, África, América do Sul e, claro, Cabo Verde. Um facto que leva a organização a considerar, desde já, a possibilidade de aumentar o número de dias do evento e, consequentemente, dos espectáculos.

Previsto para começar a 5 de Setembro e terminar 11 dias depois, o Festival Mindelact 2007, ao que tudo indica, deverá alterar esta data para dar resposta aos pedidos de participação neste que é o maior evento de artes cénicas de Cabo Verde e, quiçá, de África. A lista é dominada por grupos de Portugal e Brasil, mas há também propostas da Colômbia,

“

João Branco promete que “a organização irá seguir a mesma política que tantos êxitos tem dado, e apostar na diversidade e na qualidade artística das propostas apresentadas”

”

Argentina, Eslováquia, Bélgica, Inglaterra, Espanha, Angola e Guiné-Bissau.

Entre estes merecem destaque alguns grupos de Portugal, cujas peças são baseadas em textos de autores cabo-verdianos. Um deles é Mário Lúcio Sousa. “É um dado interessante e a ter em conta na escolha dos projectos a seleccionar”, declara o presidente da Associação Mindelact, João Branco, ao mesmo tempo que faz saber que a presença brasileira na edição 2007 deverá ultrapassar quatro companhias.

“É muito possível que o número seja esse, ou ainda maior. Depende sempre dos apoios que as companhias receberem no seu país, porque a organização não custeia as passagens dos grupos participantes”, explica João Branco, avançando também que, este

ano, as vertentes Teatrolândia e Festival Off serão internacionalizadas.

Mas, se, por um lado, a selecção ainda não está concluída – o anúncio da programação definitiva está agendado para Junho –, por outro, João Branco promete que “a organização irá seguir a mesma política que tantos êxitos tem dado, e apostar na diversidade e na qualidade artística das propostas apresentadas”.

Propostas que, segundo o presidente da Associação Mindelact, incluem, como ficou definido no regulamento do festival, acções de formação que enriquecerão a “bagagem teatral” dos agentes nacionais. Montagem sonora, design gráfico, interpretação, teatro de sombras, técnica de máscaras são algumas das acções de formação já quase definidas.

Teresa Sofia Fortes

LITERATURA JUVENIL Prémio Ferreira de Castro tem inscrições abertas

Acontece este ano a segunda edição do Prémio de Literatura Juvenil Ferreira de Castro, promovido em Portugal e aberto aos jovens dos Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP). As inscrições já estão abertas.

Esta iniciativa é destinada aos jovens dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, nas faixas etárias dos 12-15 anos (Escala A) e dos 16-20 anos (Escala B) que poderão concorrer nas modalidades de prosa e poesia, com um número ilimitado de trabalhos, sem limite de páginas. O tema dos trabalhos a concurso também é livre.

O regulamento do concurso encontra-se disponível na página electrónica da associação: www.apnljfc.pt.

A iniciativa conta com apoios da Fundação Portugal-África, do Instituto Camões e da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Inaugurada Casa da Lusofonia em Lisboa



Será inaugurada a 12 de Maio, em Lisboa, a Casa da Lusofonia, uma iniciativa conjunta da Escola Secundária Camões, Junta de Freguesia de São Jorge de Arroios e Associação Etnia – Cultura e Desenvolvimento. Um jantar com gastronomia tradicional dos países lusófonos, seguido de um concerto do angolano Aldo Milá e o grupo Sons do Tejo marcam a noite.

Pintora portuguesa indignada:

“A arte em Cabo Verde é considerada mercadoria”



A pintora Clotilde Fava, que expôs nos últimos dias a sua última série de quadros sobre Cabo Verde num dos hotéis da Cidade da Praia, está indignada com as alfândegas deste arquipélago. Para espanto seu, ao entrar no país, ficou a saber que cada quadro que vendesse seria taxado em 30%. Fava diz que nunca viu coisa igual.

Esta é, diz Clotilde Fava, uma prática pouco incentivadora para outros artistas como ela que, porventura, decidirem vir mostrar o seu trabalho em Cabo Verde. “Normalmente circulo com os meus quadros pela Europa, já expus em Macau, passando por Hong Kong, em nenhum deles tive este tipo de problema”, afirma. “Em Cabo Verde, desta feita, os meus quadros ficaram retidos dois dias na Alfandega e disseram-me que cada quadro que vendesse teria uma taxa de 30% sobre o resultado da venda. Eu, que gosto particularmente de Cabo Verde, começo a pensar se volto cá com os meus trabalhos”.

Artista plástica com exposições em

várias partes do mundo, especialmente no seu país Portugal, Clotilde Fava diz-se uma apaixonada por estas ilhas, que conheceu fisicamente há 10 anos atrás, seguindo-se depois uma viagem a convite do então ministro da Cultura, António Jorge Delgado. Antes convivera com cabo-verdianos em Angola e Portugal, conservando até hoje esses amigos, alguns dos quais de tão chegados os considera membros da sua família. “É o caso de Chico Barbosa, actualmente nos EUA”, aponta como exemplo.

Na sequência desse “enamoramento” a pintora ofereceu em 1995, por altura do 25º aniversário da independência de Cabo Verde, à Biblioteca Nacional uma série de quatro quadros que se encontram em exposição permanente nessa instituição. “Nessa altura não tive problemas. Receberam-me bem, no aeroporto. Também participei, depois, com uma amostra no Simpósio Amílcar Cabral. Esta é a sexta ou a sétima vez que cá venho, acompanhada do meu marido e mais duas pessoas amigas. Hoje co-

nheço praticamente todas as ilhas de Cabo Verde”, confessa.

Enamorada de tal forma por estas ilhas, hoje a presença cabo-verdiana na pintura de Clotilde Fava é predominante. As Janelas da Cidade Velha e o Carnaval de S. Vicente são alguns temas da sua nova amostra que ilustram essa paixão. “A temática cabo-verdiana tornou-se uma obsessão de há 10 anos a esta parte na minha pintura”, confessa, tornando-se ela própria uma divulgadora de Cabo Verde. Tanto assim é que desde 1998 já levou por duas vezes esse “Cabo Verde” para exposições em Paris.

E a quem não conhece Cabo Verde, Clotilde Fava aconselha os interessados a fugir do circuito turístico sol e mar. “A minha primeira viagem foi a S. Vicente por altura do Carnaval. Adorei. Quem quiser começar por conhecer Cabo Verde aconselho S. Vicente por altura do Carnaval, mas também o Fogo e a Boa Vista. Sal, infelizmente, é só turismo de massas”.

Mosaico

Cinco para as onze

- Lura esteve em digressão por Cabo Verde, onde apresentou o seu mais recente trabalho, "M'bem di fora", na Praia e no Mindelo, no fim-de-semana passado. Funaná, coladeira, morna, mazurka e batuque, puseram centenas de fãs com "pé na tchon" a dançar e a cantar os ritmos trazidos por este vendaval da música cabo-verdiana. Depois de Cabo Verde,



Lura seguiu para Harare, no Zimbabwe, onde participou no International Festival of the Arts, no passado dia 2 de Maio.

- Decorrem até 31 de Agosto as inscrições para a 1ª Edição do Prémio de Literatura Infanto-Juvenil. O concurso literário destina-se a jovens autores cabo-verdianos e é organizado pelo Instituto Superior de Língua Portuguesa em parceria com a Universidade Jean Piaget de Cabo Verde e o Centro Cultural Português/Instituto Camões. Os trabalhos a concurso têm de ser originais, com tema livre na modalidade de conto



infanto-juvenil. Os interessados devem entregar quatro cópias em envelope fechado, assinadas com pseudónimo, no ISLP - Palmarejo Grande.

- José Mattoso, professor catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, foi galardoado com o prémio da latinidade, "Troféu Latino", no âmbito do Dia da Latinidade, que se celebrou no passado dia 2 de Maio. O prémio é atribuído pela União Latina e homenageia uma personalidade ou instituição que se tenha distinguido pela sua obra, na difusão da latinidade, nos domínios artístico, literário ou científico. Manuel Oliveira, Eduardo Lourenço e Álvaro Siza Vieira foram alguns dos homenageados em edições anteriores.



Decorrem durante este mês de Maio as inscrições para o prémio literário Fernão Mendes Pinto promovido pela Associação das Universidades da Língua Portuguesa (AULP). O prémio galardoa uma tese de mestrado ou doutoramento que contribua para a aproximação das comunidades de língua portuguesa. As propostas têm de ser oriundas de universidades ou institutos científicos dos PALOP e o prémio, no valor de 10 mil euros, é atribuído em parceria conjunta pela AULP e a CPLP. A tese vencedora vai ainda ser publicada pelo Instituto Camões.



E toda a memória é aberta com uma chave que nós todos possuímos e que por vezes extravai-se nos nossos labirintos para depois reaparecer. Escrevemo-la ou recordamo-la quando essa chave, que são as emo-

S. Filipe estava com um sol pouco habitual nesta época de fins de Abril. A temperatura era amena a quente com um vento leve soprando do mar e a Brava encoberta por uma neblina espessa.

Havia gente circulando por todas as calçadas acinzentadas feitas de pedras de laxido gastas pelo tempo e polidas pelo negro das rodas da evolução. Ao pé do mercado municipal barulho dos motores e buzinas dos carros de todas as marcas chamando clientes para o retorno às suas casas.

Caras antigas e novas, cada uma na sua azáfama. "Americanos" chegando em vários voos diários, quebrando os silentes corredores acima das nossas cabeças. A sintonia era apenas uma - FESTAS DE SÃO FILIPE.

De longe ouve-se o grito dos animais reclamando a reclusão até o dia da matança.

Gente barulhenta de todos os crioulos, vinda das muitas partes do mundo e das ilhas, com sotaques multicolores.

Cidade bonita pedindo aos que passam que parem para ouvir a sua história. É hospitaleira e olha para todos com carinho, abrindo o seu porão do passado decodificado em cada pedra sob os nossos pés e em cada casa e sobrados.

Foguetes anunciando desde o casamento à guerra dos galos. Cavalos fogosos encaracolando no ar a poeira da meta desejada. Recordações evanescentes que em cada Abril o tempo vai registando no solo da sua memória soerguendo.

No meio daquele barulho e conversa todos queriam ouvir uma melodia diferente! A melodia de um tempo que todos nós pensávamos que tivesse ficado em ecos de recordações eternamente sepultadas. É mesmo essa melodia que havia décadas estava escondida na nossa memória num silêncio opressivo.

E toda a memória é aberta com uma chave que nós todos possuímos e que por vezes extravai-se nos nossos labirintos para depois reaparecer. Escrevemo-la ou recordamo-la quando essa chave, que são as emo-



ções, começam fluindo nesse solo fértil e adubado de linhas sinuosas e perfeitas do nosso cérebro.

Também é certo que uma parte importante das nossas recordações são apenas retalhos e produtos que saem da nossa janela interior abrindo-se para o exterior deixando ver todo o espectáculo que o tempo guardara.

Estamos revivendo um passado que esquecido estava havia décadas. Só que ninguém vive sem história. Esta revitaliza e estimula todo o humano gerando energia para construir um novo mundo mesmo no silêncio da genética

Existe melodia guardada nas paredes das nossas casas, Igrejas, Capelas e Ermidas e também na sinuosidade das linhas harmoniosas do nosso telúrico universo.

Príncipe de Chimento dizia que encontrava o som das letras no rol di mar escutando o quebrar das ondas.

Sangolé, o tamborileiro surdo, também "ouvia" a sua melodia em sucessivas ondulações na pele curtida do seu tambor.

Mas aqui no Fogo, não é somente a crista das ondas e o tambor que trazem a melodia aos que chegam e aos que re-

sidem. Ouve-se também a dez quilómetros de distância a melodia contida em ecos reverberando desde a cidade ao Lapa Cavallo e Boca de Ladjeta.

Também ela veio fazer o coro do desenterro dos noventa anos da Bandeira de S. Filipe (28-04-1917). Todos pensavam que a nossa Igreja, acabada em 1880, inicialmente côr-de-rosa, depois azul e branca do pincel do Padre Simões permaneceria muda. Não, ela continua desde há uma semana, depois de décadas de descanso, exibindo o seu relógio e as suas badaladas.

Essas são percutidas num sino de 17...8 cujo pêndulo do tempo exhibe a cabeça da Estátua da Liberdade. São sonoramente ouvidas nos ouvidos de todos nós trazendo-nos memórias melodiosas de um tempo vivido.

Cantemos todos os noventa anos do desenterro da Bandeira de S. Filipe e o ressuscitar do nosso relógio da torre da nossa Igreja que agora é verde e branca. Apaguemos as velas em aplausos. Faltou apenas o sopro do Pardieiro de S. Filipe.

Fui ao adro da Igreja como São Tomé, e eram cinco para as onze. Ouvi as badaladas das onze e das doze!



Por: SAMUEL FONTES GONÇALVES

Cantemos todos os noventa anos do desenterro da Bandeira de S. Filipe e o ressuscitar do nosso relógio da torre da nossa Igreja que agora é verde e branca. Apaguemos as velas em aplausos. Faltou apenas o sopro do Pardieiro de S. Filipe.

Em nome da dignidade, consciência e convicção

“Vencer sem perigo é triunfar sem glória” Amílcar Cabral

Os meses de Janeiro e Fevereiro de 2007 foram pessoal e intelectualmente importantes, devido à aquisição e leitura dos livros *Em Busca da Nação – notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo* da autoria do Doutor Gabriel Fernandes e *A Construção da Identidade Nacional – Análises da Imprensa entre 1877 e 1975* da autoria do Doutor Manuel Brito Semedo. Ambas as obras foram produzidas como requisitos de tese de doutoramento de cada um dos escritores. A primeira, do Doutor Gabriel Fernandes foi produzida para obter o grau de doutoramento em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil e, o segundo, de Brito Semedo para obtenção do grau de doutoramento em Antropologia na Universidade Nova de Lisboa – Portugal. Antes de obtê-los e lê-los tivemos a oportunidade de receber como oferta, no mês de Dezembro, um livro da autoria do Doutor António Joaquim Saverino cujo título é – *Metodologia do Trabalho Científico*, livro que, entre vários aspectos abordados, demonstra como se produz uma tese e que, como tal, facilitou a compreensão das referidas teses.

Na nossa modesta e humilde opinião, trata-se de duas obras que todos os cabo-verdianos deveriam ter na sua biblioteca pessoal e deveriam ser de “leitura obrigatória”, principalmente por aqueles que gostam ou pretendem falar sobre Cabo Verde.

Apraz-nos deixar claro que não é nossa intenção fazer resenha, análise, crítica ou qualquer outro comentário em relação a essas obras, pois encontramos num “patamar inferior” a esses dois autores com os quais aprendemos muito, especialmente através da leitura destes seus estudos.

O livro do Doutor Gabriel Fernandes é de natureza analítica e apresenta-se muito bem estruturado e elaborado, exigindo do leitor uma atenção especial e rigorosa. Aborda os temas tratados de forma própria, diferente da que estamos habituados a assistir por outros autores e pensamos ser este um dos aspectos da discordância entre o autor e Carlos Reis – Membro do Conselho de Administração da Fundação Amílcar Cabral. (A propósito desta discordância ver *Jornal A Semana* n.ºs 793 e 794 de 2 e 9 de Março de 2007).

A nosso ver, o Doutor Gabriel demarcou-se de muitos estudiosos dos problemas cabo-verdianos pela forma desapaixonada, pelo seu nível de análise, aliás, este autor deixou claro este propósito, desde logo na sua primeira obra *A Diluição da África – uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama (pós) colonial* (Dissertação do Mestrado). Trata-se, a nosso ver, de um erudito que surpreende qualquer cabo-verdiano e, não só, com o seu nível de análise e forma de abordar os temas, facto que merece os nossos parabéns.

A tese do Doutor Brito Semedo é, quanto a nós, uma obra mais informativa do que analítica, não sendo menos brilhante por isso, e estes constituem os aspectos principais em que os dois estudos divergem; a diferença pode tornar-se, no entanto, fecunda e as duas obras adquirem um estatuto complementar.

Há alguns temas convergentes nestes dois livros, embora a forma de abordagem seja diferente. Ambos trabalham a geração de Eugénio Tavares, Geração de Baltazar Lopes da Silva e Geração de Cabral e é sobre esses aspectos que gostaríamos de alicerçar este nosso texto.

Durante as leituras dessas obras pudemos perceber a luta titânica levada a cabo pelos ditos intelectuais de finais do século XIX, inícios do século XX (pré-claridosos), pelos intelectuais dos anos 30 (claridosos) e pelos intelectuais dos anos cinquenta, sessenta e setenta do século XX (geração de Cabral). Na verdade, esses dois autores conseguiram um manancial de documentos relativamente a esses intelectuais e às suas gerações e, de forma inteligente, conseguiram demonstrar o espírito altruísta desses homens. Ao terminar a leitura do capítulo VII do livro do Doutor Brito Semedo chegamos à conclusão de que a elite letrada de finais do século XIX, início e meados do século XX foi uma elite letrada, altruísta e comprometida com os problemas cabo-verdianos pois souberam priorizar os interesses colectivos da sociedade e do homem cabo-verdiano. São exemplos disso Loff Vasconcelos, Guilherme da Cunha Dantas, Eugénio Tavares, Pedro Cardoso. Na geração da Claridade ou de Baltazar Lopes, como foi



denominada por Brito Semedo, encontramos exemplos de Baltazar Lopes (advogado dos pobres), Jorge Barbosa, Manuel Lopes, João Lopes e na geração de Cabral destacam-se a própria figura de Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Pedro Pires, Abílio Duarte...

Esses três grupos de intelectuais ou “três gerações”, como passam a ser denominadas em Cabo Verde, deram grande contributo para que o nosso arquipélago conquistasse a sua independência e assumisse o estatuto de estado-nação. A esses homens, nós, os cabo-verdianos devemos gratidão pelos esforços e dedicação em prol de um Cabo Verde melhor para todos.

No entanto, não podemos deixar de pensar que eles podiam, perfeitamente, assumir um espírito egoísta e oportunista, pois constituíam elites pensantes e quadros de destaque em cada uma dessas épocas. Podiam procurar bons empregos, acumular cargos honrosos e ganhar muitos e bons salários, resolvendo, deste modo, os seus problemas pessoais e deixar que o povo passasse por tudo aquilo que teriam de vivenciar dentro da sociedade colonial. Eugénio Tavares poderia ter procurado um grande emprego onde usufruísse de um grande salário e prestígio social e deixar que o governo português continuasse a abusar do povo Cabo-verdiano; Baltazar Lopes poderia não ter advogado pelos pobres sabendo que eles não tinham dinheiro para lhe pagar nem denunciar aquilo que denunciou; Amílcar Cabral, com toda a sua capacidade, podia ser muito bem aproveitado como quadro do governo colonial se ele tivesse enveredado pelo caminho do oportunismo e egoísmo na linha do “*salve-se quem puder*”. Contudo, segundo aquilo que depreendemos das duas obras supra mencionadas e de outros documentos a que tivemos acesso, todos eles abdicaram dos interesses meramente pessoais, prescindindo de mordomias e muitos outros benefícios e prestígios sociais, económicos... que podiam ter, para lutarem em favor de um Cabo Verde melhor, não só para eles, mas para todos os Cabo-verdianos. O nosso muito obrigado a esses intelectuais pela dignidade, convicção e consciência que tiveram a bem de Cabo Verde e dos cabo-verdianos.

Na sociedade actual cabo-verdiana, homens desse calibre estão a desaparecer. Hoje em dia, contrariamente, às gerações mencionadas pelos Doutores Semedo e Fernandes – encontramos homens comprometidos com o seu bem-estar pessoal e do grupo político / partidário em que estão inseridos, capazes de “*venderem*” as suas convicções, dignidade e a própria consciência em troca de cargos de prestígio e bons salários... Nesta óptica, devemos parar para pensar: se os homens das gerações de Eugénio Tavares, de Baltazar e de Amílcar Cabral

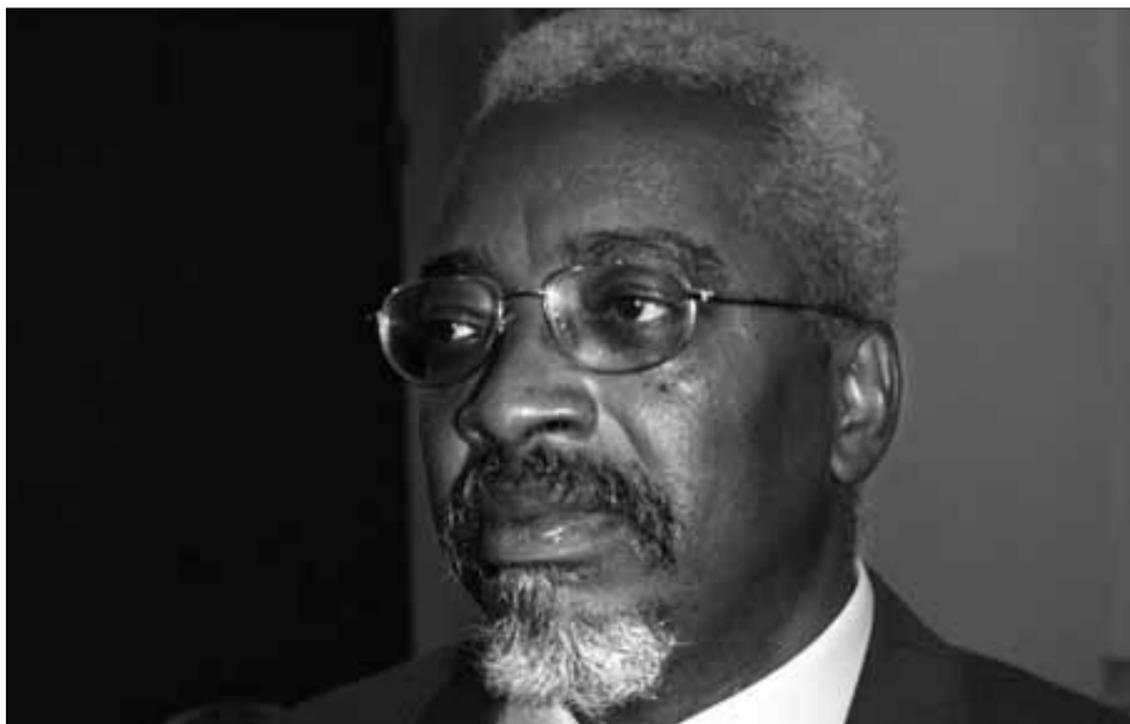
tivessem feito o mesmo; que sociedade teríamos hoje? Acompanhamos pela televisão, rádio, jornais, livros e outros acervos, pessoas ditas intelectuais, e não só, que entendem muito e bem os reais problemas que afectam Cabo Verde e os cabo-verdianos a tentarem fazer análise desses problemas de acordo com interesse meramente pessoal ou político / partidário quando a própria sociedade percebe que o indivíduo tem capacidade para uma análise mais imparcial. Ouvimos sempre alguém dizer: “*estamos a trabalhar para que o meu partido ganhe as eleições*”. Estamos em condições de afirmar que muitos desses trabalhos levados a cabo pelos partidos e pelas pessoas neles filiadas que almejam o poder enveredam pela compra da consciência, da dignidade e da convicção. Aos pobres são-lhes atribuídos sacos de cimento, verguinhas, roupas, empregos nas vésperas de voto, habitação social, alimentação etc. e aos ditos intelectuais e outros não pobres são-lhes atribuídos dois, três, quatro e até cinco empregos, ou cargos de prestígio como forma de comprarem a sua dignidade, convicção e consciência. Nesta óptica, não se pode falar em Estado de Direito Democrático e nem tão-pouco em democracia num país pobre e de homens ambiciosos pelo poder, por variados cargos, prestígio e onde o dinheiro e o bem-estar são a lei máxima.

Pensamos, à semelhança dos países desenvolvidos, outros que para lá caminham, que os intelectuais devem ter um papel importante no desvendamento das males que mexem com um Estado de Direito Democrático, com a democracia e que comprometem o futuro de Cabo Verde e dos cabo-verdianos. Deve haver espaço na comunicação social para os intelectuais debaterem os problemas que afectam Cabo Verde.

É neste sentido que, ao concluir a leitura das duas obras supra mencionadas, ficamos a reflectir sobre o papel desempenhado pelas gerações que nesses estudos merecem lugar de destaque e chegamos à seguinte conclusão: **as elites intelectuais da geração de Eugénio Tavares, de Baltazar Lopes da Silva e de Amílcar Cabral foram letradas, altruístas e comprometidas com os problemas cabo-verdianos, mas as do final do século XX e início do século XXI são egoístas, oportunistas e comprometidas com os problemas meramente pessoais e do grupo ideológico onde estão inseridas.** Como cidadão que estuda e se preocupa com os problemas sociais, económicos e políticos de Cabo Verde não reaceamos confessar que estamos decepcionados e, até certo ponto, frustrados com a nossa sociedade.

Cidade de São Filipe, 15 de Abril de 2007
Professor/Historiador

“
O nosso muito obrigado a esses intelectuais pela dignidade, convicção e consciência que tiveram a bem de Cabo Verde e dos cabo-verdianos.
 ”



Manuel Veiga profere palestra sobre política linguística

Manuel Veiga profere no próximo dia 13, domingo, em Boston, uma palestra sobre “A política linguística em Cabo Verde”. Paralelamente a esta iniciativa promovida pelo Instituto do Crioulo Cabo-Verdiano, o titular da pasta da Cultura apresenta o livro “Propostas de Base do Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-Verdiano”.

O MC vai defender, perante um público que se espera constituído por especialistas em crioulo, professores e alunos da língua cabo-verdiana, que a oficialização e a unificação do crioulo é uma das apostas do Governo e do seu gabinete, em particular, apresentando como prova disso mesmo a resolução nº-48 de 2005 que visa o estabelecimento progressivo de um estatuto para a língua

materna equiparado ao do português.

Veiga, que é linguista de formação e que tem na oficialização do crioulo um dos seus cavalos de batalha, defenderá, ainda, durante a palestra que o governo de Cabo Verde deve incentivar o estudo do crioulo nas instituições superiores e públicas, promover a investigação linguística e sócio-linguística, encorajar o uso do crioulo na administração pública e nas aeronaves, bem como a criação de incentivos para trabalhos de promoção e criação artística e cultural.

Em Boston, o MC irá proceder ainda ao lançamento do livro “Propostas de Base do Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-Verdiano”. A obra, elaborada pelo Grupo para a Padronização do Alfabeto e editada pelo IIPC,

traz, além das propostas de base, o decreto-lei de 1998 que oficializou a proposta. Diversos estudos subsidiam essa proposta e são de Dulce Duarte, Tomé Varela, Alice Matos, Manuel Veiga, Eduardo Cardoso, José Luis Hopffer Almada e Inês Brito.

Manuel Veiga também apadrinhará o lançamento do livro “Ildo Lobo, a voz crioula”, da autoria de Yara Santos, no dia 12 de Maio, na Livraria Pública de Boston, às 17 horas. Um evento que inclui ainda a projecção de um documentário sobre Ildo Lobo e um espectáculo em que Piduca Silva, Quirino do Canto, entre outros cantores radicados nos EUA irão interpretar composições que o vocalista do conjunto Os Tubarões eternizou.

TSF

AGENDA CULTURAL

- Cesária Évora leva o encanto da morna cabo-verdiana até ao Alte Oper de Frankfurt, na Alemanha, esta sexta-feira, 4. Um espectáculo que encerra a digressão da “Cize” pela Europa Central.
- Bús está de regresso a Cabo Verde, depois de uma série de espectáculos em Portugal. E vai brindar os seus fãs, hoje e amanhã, 4 e 5 de Maio, com dois concertos no Alta Lua (MindelHotel). No ar, a promessa de uma quente noite de mornas e coladeiras, de ontem e hoje.
- Jennifer (foto), Vamar e Varginha em concerto esta sexta-feira, 4, no Tabanka Mar na Praia.
- O pátio do Centro Cultural do Mindelo é palco amanhã, 5, às 17 horas, mais um “Pa oiá e saboreá”. É uma festa que junta cultura – música, dança e teatro, com o melhor da culinária cabo-verdiana.
- Este domingo, 6, às 16h00, mais uma sessão do “Pequenos Cantores”. A sessão seguinte deste concurso musical infantil é a 20 de Maio, no mesmo horário.
- Albertino aquece hoje, 4, a noite no Quintal da Musica ao som da morna e coladeira. Amanhã sábado, 5, actua o Grupo Kiss.
- Maria de Barros actua hoje, 5, na Plaza Central, da cidade de Morelia, México. A cantora põe assim fim a uma digressão por aquele país da América Central, que incluiu as cidades de México, San Luis Potosi, Aguascalientes, Michoacan;



“Réplica e Rebeldia” na Praia

A exposição “Réplica e Rebeldia” vai estar patente no Centro Cultural Português/Instituto Camões da Praia, de 11 de Maio a 11 de Junho deste ano. A amostra, que já passou por Maputo, Salvador da Bahia, Brasília e Luanda, reúne obras de artistas plásticos de Moçambique, Angola, Cabo Verde e Brasil.

Produzida para dar visibilidade a um conjunto de artistas que até agora não têm tido a possibilidade de divulgar os seus trabalhos, “Réplica e Rebeldia” integra cerca de sete dezenas de obras de 35 artistas, conta também com obras de

veteranos cabo-verdianos Tchalê Figueira, Bento Oliveira e Manuel Figueira.

Os angolanos Fernando Alvim, António Ole e Viteix, os moçambicanos Tomás Cumbana, Ricardo Rangel e Alexandre Santos e os brasileiros Bauer Sá, Sidney Amaral e Rosana Paulino são outros artistas representados nesta mostra que inclui trabalhos de fotografia, video, pintura, desenho, instalação e escultura.

O catálogo da exposição, que vai viajar pelo mundo incluindo na sua rota cidades como Berlim (Alemanha) e Washington (Estados Unidos) traz

um texto de cada país representado na mostra, que apresenta uma visão sobre a história da arte local, cuja evolução o título da exposição sintetiza em ‘Réplica e Rebeldia’.

Pois é, se em tempos idos a arte africana era uma espécie de ‘réplica’ do modelo europeu, transmitido pelo país colonizador, hoje, após diversos actos de consciência e de ‘rebeldia’, os artistas locais buscam criar artes plásticas que falem da sua realidade histórica e cultural.

TSF